

***Aedes Aegypti*: AÇÕES DE EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA CONTROLE VETORIAL EM UMA ESCOLA DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DO GAMA/DF**

Ana Edith Marques Leitão Gouveia¹
Bárbara Gonçalves Formiga²
Daniella Cristina Rodrigues Pereira³
Geane Di Magielli Figueiró da Silva⁴
Maria Silvana Andrade⁵
Patrícia Pimenta dos Santos⁶
Sávia Silva Soares Pueyo⁷
Sâmia Kelle de Araújo⁸

1 INTRODUÇÃO

O mosquito *Aedes aegypti* transmite dengue e outras arboviroses como o vírus Zika, Chikungunya e Febre Amarela que estão amplamente distribuídos em várias regiões do Brasil. Destaca-se as limitações nas ações de controle tais como, a baixa detecção de potenciais criadores, a existências de espécies críticas (que são tão assemelhadas que se pensa serem representantes de uma só) e o desenvolvimento de resistência em diversas populações do mosquito.

Diversas tecnologias vêm sendo desenvolvidas para o controle vetorial utilizando diferentes mecanismos de ação como medidas sociais, monitoramento, dispersão de inseticidas, novos agentes de controle químico e biológico e procedimentos moleculares para o controle populacional do vetor.

Nos últimos anos, o principal vetor do vírus da Dengue (DENV), o mosquito *Aedes aegypti*, está presente nas áreas urbanas de diversos municípios brasileiros e apresenta picos de infestação nos meses de verão e início de outono (BRASIL, 2009). Outros patógenos emergentes

¹ Fisioterapeuta, especialista em Vigilância em Saúde - Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa, Ministério da Saúde, anaedithgouveia@gmail.com

² Graduação em Saúde Coletiva, especialista em Vigilância em Saúde - Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa, Pesquisadora no Centro de Tecnologia Educacionais em Saúde (Centeias) - Faculdade de Saúde, Universidade de Brasília (FS/UnB), bg.formiga@hotmail.com

³ Farmacêutica, mestre em Vigilância Sanitária, Fundação Oswaldo Cruz Brasília, daniella.pereira@fiocruz.br

⁴ Bacharel em Administração, especialista em Vigilância em Saúde - Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa, Fundação Oswaldo Cruz Brasília, geane.silva@fiocruz.br

⁵ Tecnólogo em Processamento de Dados, especialista em Vigilância em Saúde - Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa, Fundação Oswaldo Cruz Brasília, ssyls23@gmail.com

⁶ Bacharel em Economia, especialista em Vigilância em Saúde - Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa, Fundação Oswaldo Cruz Brasília, patricia.pimenta@fiocruz.br

⁷ Tecnólogo em Gestão Pública, especialista em Vigilância em Saúde - Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa, Fundação Oswaldo Cruz Brasília, savia.pueyo@fiocruz.br

⁸ Doutoranda em Enfermeria Clínica y Comunitaria pela Universidade de Valência - ES, sadea@alumni.uv.es

transmitidos por *Aedes aegypti* têm sido registrados no Brasil, como os vírus Chikungunya (CHIKV), Zika (ZIKV) e Febre Amarela.

No Distrito Federal, entre janeiro e março de 2016, foram registrados 9.287 casos suspeitos de Dengue, dos quais 8.058 foram confirmados, sendo esse número quatro vezes maior que a quantidade de casos durante o mesmo período em 2015 (SES/GDF, 2016). Em relação às outras arboviroses, dos 333 casos suspeitos da febre Chikungunya e 349 da febre pelo ZIKV, 30 e 32 foram confirmados, respectivamente, sendo a maioria autóctones (SES/GDF, 2016).

O Distrito Federal é uma unidade federativa autônoma dividida em 31 regiões administrativas. Este projeto irá contemplar a região administrativa do Gama, que pertence à Região de Saúde SUL. Esta região possui um quadro de vulnerabilidade socioambiental. Situa-se na periferia do centro metropolitano de Brasília e possuem zonas ainda não urbanizadas, prevalecendo a população de baixa renda. Existem nelas muitos loteamentos irregulares e invasões em áreas de preservação permanente revelando um quadro de abandono, e falta infraestrutura básica e saneamento ambiental. Assim, é comum o depósito irregular de resíduos sólidos, esgoto a céu aberto configurando um cenário propício ao desenvolvimento de doenças infecto contagiosas transmitidas por vetores.

A Vigilância em Saúde tem fundamental importância nesta situação, pois consiste num processo contínuo de coleta, consolidação e disseminação de dados com vistas ao planejamento e implementação de medidas para a proteção da saúde, prevenção e controle de doenças (TEIXEIRA, 2000).

Infelizmente, como não existem programas de vacinação para essas viroses nem tratamentos etiológicos eficientes, o controle de vetores é a melhor estratégia disponível para diminuir a incidência dessas doenças na população. Para enfrentamento de epidemias transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti* é necessário o estabelecimento de ações estratégicas para a tomada de decisão nos diferentes eixos do controle: vigilâncias epidemiológica, sanitária e laboratorial, controle de vetores, assistência médica e mobilização social.

Segundo a Portaria nº 1.378, de 09 de julho de 2013, que regulamenta as responsabilidades e define diretrizes para execução e financiamento das ações de Vigilância em Saúde pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, relativos ao Sistema Nacional de Vigilância em Saúde e Sistema Nacional de Vigilância Sanitária. As diretrizes e ações da Vigilância em Saúde são competências da União, Estados, Municípios e Distrito Federal os quais têm como responsabilidade promover a proteção contra as doenças e agravos à saúde à população e conscientizar a população por meio de ações educativas visando o autocuidado, investindo no estilo de vida e assumindo hábitos saudáveis (BRASIL, 2013).

Diversas estratégias são utilizadas para evitar a proliferação de mosquitos. O controle

químico tem sido usado para a eliminação de mosquitos, porém sua eficácia é limitada pela dificuldade de acesso a criadouros crípticos, pela fraca cobertura de aplicação, pelo alto custo financeiro dos inseticidas e devido ao desenvolvimento de resistência dos mosquitos aos principais inseticidas utilizados (BELINATO et al. 2012).

Neste sentido, ao se traçar estratégias para a prevenção e cuidado das arboviroses, não há como ignorar o nível de complexidade que a caracteriza relacionados ao modelo econômico, crescimento desordenado das grandes cidades. A situação de vulnerabilidade socioeconômica e ambiental, considerados fatores de risco para a incidência de casos da triplíce epidemia em populações rurais e urbanas. Essa situação é comum nas cidades que carecem de saneamento ambiental. O saneamento ambiental, considerado infraestrutura básica é composto pela coleta e tratamento de esgoto, fornecimento de água encanada, limpeza das vias públicas e coleta de lixo. Todas as cidades com lacunas no abastecimento de água, na coleta e destino adequado de resíduos sólidos, condições precárias de moradia, além da expansão da indústria de materiais não biodegradáveis, condições climáticas favoráveis, movimentação de populações de diferentes lugares, possuem características ideais para a proliferação e disseminação dos mosquitos (Diretrizes Nacionais para a Prevenção e Controle de Epidemias de Dengue, 2009 in Fiocruz, 2016).

Segundo os dados da PDAD 2015, no Centro Oeste 46,4% do esgoto é tratado. No entanto, a média de esgoto tratado não atinge nem a metade da população. Já a taxa de cobertura de coleta de resíduos sólidos domiciliares no Centro Oeste foi de 14,5% foi de 35,3%. Os domicílios urbanos da região administrativa do Gama, Distrito Federal, utilizam entre 2,80% e 17,40% de fossa rudimentar como esgotamento sanitário (SNSA, 2014).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Melhorar a qualidade de vida individual e coletiva, desenvolvendo um modelo de educação sanitária, ambiental e da popularização da ciência que integra a rede de educação básica, rede de atenção básica à saúde, a comunidade e as instituições de ensino para controle vetorial do mosquito *Aedes aegypti* na região de Saúde Sul, de forma que os alunos sejam disseminadores das informações junto a sua família e comunidade.

2.2 Objetivos Específicos

- Promover popularização da ciência, por meio da tecnologia educacional e utilização de ferramentas de informação e comunicação para otimização de processos de cuidado, promoção e vigilância em saúde, no âmbito das arboviroses;
- Promover o diálogo entre saberes técnico-científico, tradicional e popular e a sensibilização da sociedade de forma a construir soluções para o controle vetorial do mosquito *Aedes aegypti* na região de Saúde Sul, especificamente na região administrativa Gama – Distrito Federal.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O projeto se caracteriza por uma intervenção no ambiente escolar de forma lúdica, com a participação ativa dos alunos tornando-os disseminadores de ações que promovam a eliminação de focos do mosquito na comunidade em que vivem.

Para Almeida (1994), a educação lúdica, na sua essência, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio, desta forma as intervenções voltadas para o lúdico surtirão a participação efetiva, o conhecimento duradouro e a modificação do meio em que os alunos estão inseridos.

De acordo com Fleury & Orveney (2005), nos espaços públicos onde se discute saúde também se disputam concepções sobre a vida, o bem-estar, a cidadania, a cultura, os bens-públicos. Sendo assim, a ação a ser realizada será um seminário para sensibilização e conscientização dos alunos, uma Feira de Ciências, composta por: oficinas de teatro, oficinas de música, produção de vídeos, incentivar o uso de aplicativos que estimulem a conscientização dos alunos por meio da tecnologia (ex: app agente *Aedes aegypti*, disponível em todas as plataformas), promovendo uma cultura de prevenção e controle. As atividades supracitadas estarão vinculadas ao projeto político pedagógico da escola.

A proposta é que seja uma ação interdisciplinar abordando a temática das arboviroses transmitidas pelo mosquito *Aedes*, assim como, os impactos e consequências da proliferação do mosquito e a importância da participação ativa da comunidade no controle vetorial. Sendo assim, a aplicação será na escola Centro de Ensino Fundamental do Gama, preferencialmente com turmas de até 35 alunos cada.

O intuito é que seja adotado pela escola a Semana de Educação e Vigilância em Saúde, por meio da abordagem deste assunto em todas as disciplinas no decorrer deste período, promovendo a

sensibilização da comunidade escolar no combate e controle do vetor.

Face ao exposto, as ações serão desenvolvidas conforme metodologia de aplicação abaixo.

Feira de Ciências

As feiras de ciências são momentos em que os alunos produzem e transmitem o conhecimento, desta forma a proposta é a realização de uma Feira de Ciências, durante a semana de Educação e Vigilância em Saúde.

Assim, o intuito é abordar o tema das arboviroses transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, de forma didática e lúdica por meio de seminário, oficinas de cultura para prevenção e controle, oficinas de teatro e oficinas para reciclagem, objetivando avanços nos conhecimentos de eliminação dos focos do mosquito tanto na escola quanto na comunidade em que estão inseridos. Os trabalhos a serem desenvolvidos serão criativos de modo a fazer sentido e chamar atenção dos alunos melhorando a falha no processo de comunicação e informação de assuntos relacionados ao controle vetorial.

Seminário

A proposta para o seminário é realizar a abordagem por meio da fundamentação teórica objetivando empoderar os alunos com conhecimento sobre a importância da prevenção, controle e vigilância da saúde, no que diz respeito as arboviroses.

A metodologia consiste na participação de um especialista para uma roda de conversa com os alunos, proporcionando troca de saberes. Considerando o público alvo, uma estratégia de aprendizagem será a apresentação de alguns aplicativos que dispõe de funcionalidades como: acesso a notícias atualizadas sobre as doenças transmitidas pelo mosquito, dicas de como evitar sua proliferação, sintomas da doença, o tratamento e os aspectos clínicos, espaço para denúncia dos focos do Aedes e jogos simulando o combate ao foco do mosquito.

O intuito dessa abordagem é incentivar o conhecimento de forma descontraída e interativa de aprendizado por meio das potencialidades das redes sociais e aplicativos, pois, a utilização de jogos on-line como estratégia de ensino-aprendizagem pode apresentar uma mudança de atitude significativa de participação dos alunos.

O tempo para realização desta atividade será de duas horas, com a participação de todas as turmas no mesmo ambiente.

Oficinas de cultura para prevenção e controle

Serão desenvolvidas oficinas que abordam a cultura de prevenção e controle e estratégias que melhorem a comunicação de assuntos relacionados ao controle vetorial.

Promover a cultura dentro dos aspectos de prevenção e controle do mosquito *Aedes aegypti* pode ser uma resposta a diversos tratados, que procure soluções que advenham de dentro de uma sociedade (DUPRET, 2002).

Diante disso a proposta é trabalhar a temática sobre o controle vetorial de forma horizontal, dinâmica, participativa e lúdica, que propõe conteúdo a partir de uma experiência e uma realidade concreta que todos podemos vivenciar e sentir como uma experiência pessoal e próxima.

A proposta é que por meio de brincadeiras intervencionais os alunos articulem-se, despertem interesse, tomem consciência e aprendam sobre a importância do controle vetorial do mosquito *Aedes aegypti*.

Abaixo destacamos algumas oficinas que serão aplicadas:

Oficina: Rede de prevenção e controle do mosquito *Aedes aegypti*

O objetivo desta oficina é entender o efeito de ação e reação e que tudo está relacionado e se interligam sobre o que é importante para que seja realizado o controle vetorial do mosquito *Aedes aegypti* e a as formas de comunicação a partir da teoria aplicada nas aulas interdisciplinares e no seminário.

Os materiais que serão utilizados são: diversas figuras impressas ou palavras que façam associação a prevenção e controle do mosquito *Aedes aegypti*, uma rede de pesca. A metodologia consiste em espalhar todas as figuras, imagens, palavras ou frases no chão. Cada grupo de 05 alunos vai até o centro da sala, onde estão as figuras e escolhe em média 03 figuras, aleatoriamente. Ao final, cada aluno se dirige em frente a rede e atribuem significado às palavras e/ou as imagens, que ele ou ela retirou. No entanto, àquelas imagens ou palavras que forem correlacionadas como prevenção e controle será colocada em uma “rede”. As que não forem atendidas, jogarão- a no lixo. Ao final, com as informações colocadas na rede, será criado um painel que demonstra a forma de propagação de comunicação.

Oficina: O Que Fazer?

A proposta da dinâmica é a reflexão do comportamento e a mudanças de atitudes. Materiais: aparelho de DVD, televisor, balões e perguntas impressas. A metodologia é baseada em vídeo que alerte as crianças de como agir para que possam contribuir para a prevenção e o controle

vetorial. Primeiramente será feita a transmissão do vídeo, como forma de educação e incentivo, a fim de demonstrar algumas atitudes que devem ser tomadas para colaborar com a erradicação de focos do mosquito transmissor das arbovirozes.

O segundo momento da dinâmica é a narrativa do que foi visto no vídeo. A turma é dividida em dois grupos e cada grupo terá que responder a uma questão que estará dentro do balão, este deve ser estourado e a pergunta deve ser respondida com base nos ensinamentos que o vídeo transmitiu (as perguntas podem ser de múltipla escolha, verdadeiro ou falso ou narrativas).

Busca-se por meio dessas perguntas fixar o conteúdo assistido, estimular o cuidado e as mudanças de atitude sobre o que deve ser feito para controlar os focos do mosquito *Aedes aegypti*.

Oficina: Vamos cantar?

O objetivo desta oficina é construir uma música com o tema prevenção, com o intuito de colocar em prática o conteúdo transmitido por meio das outras atividades. Os materiais utilizados serão: gravador, instrumentos de sucatas (balde, Garrafas com pedras, e outros) para conseguir sons. A metodologia utilizará o facilitador para transmitir a consigna para o grupo para a construção de uma música podendo esta ser um rap ou uma paródia entre vários outros ritmos com o tema voltado para a prevenção e controle das doenças provocadas pelo *Aedes aegypti*. O grupo primeiro deverá estabelecer quais as formas de prevenção aos focos e em seguida montar a música do grupo.

Oficina de Teatro

O objetivo desta oficina é a elaboração de uma peça “teatral” com intuito de demonstrar as práticas que podem ser utilizadas para o combate do foco do mosquito *Aedes aegypti*. Os materiais utilizados serão roupas, perucas, chapéus, balde, mosquito do AE, garrafas pet’s e outros. O desenvolvimento se dá por meio do facilitador que passará a consigna ao grupo para a elaboração de uma peça teatral com o objetivo descrito acima. O grupo deverá fazer a mesma com base em seus conhecimentos e com a ajuda do facilitador.

Oficina de produção de Vídeo

O objetivo desta oficina é elaborar um vídeo que exponha as ações que cada indivíduo, em suas casas e na comunidade, podem realizar para o controle do mosquito vetor das arbovirozes, estimulando que os alunos criem o roteiro do vídeo com base nas realizações descritas nas aulas

interdisciplinares e no seminário apresentado, com apoio do facilitador para gravar o vídeo. O material necessário para que seja desenvolvida a oficina é uma câmera para gravação, roupas e objetos para contribuir com a encenação.

Oficina de utilização de reciclados

O objetivo é a construção de brinquedos por meio da utilização de garrafas pets com intuito de conscientizar sobre a importância de evitar possíveis criadouros do AE em suas casas e despertar o hábito da reutilização de materiais reciclados. Os materiais utilizados para desenvolver a atividade são: garrafas pets, durex, palito de churrasco sem ponta, tesoura, papel e barbante.

O desenvolvimento da atividade será por meio do facilitador que orientará aos alunos quanto o cuidado de manuseio dos materiais utilizados. Os alunos irão cortar cerca de 30 cm de barbante, amarrar uma ponta de barbante na tampinha de refrigerante e a outra na ponta da garrafa pet e enfeitar o bilboquê com os materiais disponíveis. Agora é só brincar, tentando colocar a tampinha dentro da garrafa sem usar as mãos. O facilitador poderá levar outros produtos para que o grupo visualize as várias opções de utilização da reciclagem.

A organização das oficinas será de modo que o 1º integrante ficará responsável na Oficina de Teatro; o 2º responsável pela Oficina de Música, o 3º pela Oficina de produção de vídeos; o 4º pela Oficina de Utilização de reciclados; o 5º pela Oficina de Troca de Experiências e o 6º.

Essa divisão poderá ser revista de acordo com a necessidade da equipe participante ou para melhor desenvolvimento das atividades.

Cada oficina será trabalhada uma sala de aula distinta com a duração de 45 minutos para que cada grupo possa realizar até 2(duas) Oficinas. A realização das atividades poderá ser reestruturada para melhor atender a proposta pedagógica da escola.

4 GESTÃO DO PLANO

As ações de gestão do plano de ação seguem disponibilizadas no anexo 2 deste projeto, dentre as quais: Definição da Equipe e atribuições das equipes; Como será feito o monitoramento; Orçamento previsto; Definição de indicadores e critérios; Cronograma de aplicabilidade e Avaliação sistemática do impacto após a implementação das ações.

Proposta de avaliação e monitoramento

AÇÃO		INDICADOR
1	Definir e mapear as experiências exitosas no controle vetorial voltadas para crianças e adolescentes (evidências locais e global).	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do grupo com base nos documentos e experiências apresentadas.
2	Ação educativa para o controle vetorial do mosquito.	<ul style="list-style-type: none"> • Adesão da comunidade e parceiros para que a ação seja durável.
3	Reuniões presenciais do grupo afinidade com possíveis atores/parceiros.	<ul style="list-style-type: none"> • Mensurar pelo tipo de ações que serão pactuadas a partir destas reuniões.

Cronograma de ações do Projeto Aplicativo

AÇÕES	2018											
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1. Definir e mapear as experiências exitosas no controle vetorial voltadas para crianças e adolescentes (evidências locais e global).	[x]											
2. Ação educativa para o controle vetorial do mosquito.		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
3. Reuniões presenciais do grupo afinidade com possíveis atores/parceiros.	[x]	x	x	x	x	x						

[X] - ação iniciada e concluída

[X] - ação iniciada com conclusão posterior

X - ação permanente

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BELINATO, T.A., Martins, A.J. & Valle, D. Fitness evaluation of two Brazilian *Aedes aegypti* field populations with distinct levels of resistance to the organophosphate temephos. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 107, p 916–922, 2012.
- BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO, Secretaria de Vigilância em Saúde/Ministério da Saúde. Informativo Epidemiológico de Dengue, Chikungunya e Zika. Distrito Federal, Ano 11, nº 52, dezembro de 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Síntese de evidências para políticas de saúde: atividade física e prevenção/controla da hipertensão arterial na Atenção Primária à Saúde (APS)/ Prevenção e controle da dengue no espaço urbano. Brasília: Ministério da Saúde; EVIPNet Brasil, 2016. 46p.
- BRASIL. Secretaria de vigilância em saúde / Departamento de vigilância epidemiológica; Ministério da saúde. Diretrizes nacionais para a prevenção e controle de epidemias de dengue. Brasília: Ministério da saúde, 2009. 160p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD). Brasília: FUNASA; 2002.
- BRASIL. Portaria nº 488/SVS/MS de 18 de junho de 1998. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. n. 114. 1998.
- BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. n. 114. 1998.
- BRASIL. Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. n. 114. 1998.
- BRASIL. Decreto nº 6.286/2007, de 05 de dezembro de 2007. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. n. 114. 1998.
- BRASIL. Portaria nº 1.378, de 09 de julho de 2013. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. n. 114. 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portal do Departamento de Atenção Básica. Programa Saúde na Escola. Disponível em <http://dab.saude.gov.br/portaldab/pse.php>
- BRASÍLIA. GOVERNO DE BRASÍLIA. Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD, 2015/2016
- BUSS, P.,M., Promoção da Saúde da Família, Promoção da Saúde, Programa saúde da Família, dezembro de 2002. p. 50-63.
- DEVINE, Gregor J. et al. Using adult mosquitoes to transfer insecticides to *Aedes aegypti* larval habitats. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 106, n. 28, p. 11530-

11534, 2009.

DUPRET, Leila. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) [online]. 2002, vol.6, n.1, pp. 91-96.

FIOCRUZ, Vice-Presidência de Ambiente Atenção e Promoção da Saúde, CPQ René Rachou/Fiocruz MG. Mobilização social frente à emergência sanitária no Brasil: A contribuição da Fiocruz. Rio de Janeiro, maio de 2016.

MORAIS, Selene M. et al. Larvicidal activity of essential oils from Brazilian Croton species against *Aedes aegypti* L. *Journal of the American Mosquito Control Association*, v. 22, n. 1, p. 161-164, 2006.

PRADO, Marta Lenise do, VELHO, Manuela Beatriz, ESPÍNDOLA, Daniela Simoni, Sobrinho, Sandra Hilda, & BACKES, Vânia Marli Schubert. (2012). Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. *Escola Anna Nery*, 16(1), 172-177. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000100023>

SNSA - Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: diagnóstico do manejo de resíduos sólidos urbanos – 2014. Brasília: MCIDADES.SNSA, 2016.

TEIXEIRA, Carmem Fontes; PAIM, Jairnilson Silva; VILASBÔAS, Ana Luiza. SUS, modelos assistenciais e vigilância da saúde. *Fundamentos da vigilância sanitária*, p. 49-60, 2000.

ZARA, Ana Laura de Sene Amâncio et al. Estratégias de controle do *Aedes aegypti*: uma revisão. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 391-404, June 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222016000200391&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742016000200017>.

ANEXOS

1. ÁRVORE DO PROBLEMA



2. Matriz de intervenção 5W3H

5W3H							
Espaço do problema: Escola de Ensino Fundamental na Região Sul (Gama)							
Macro-problema: Falha no controle vetorial e aumento do número de arboviroses no DF.							
Nó Crítico: Conscientização e participação ativa da comunidade em prol do controle vetorial e melhoria da saúde.							
O QUE FAZER?	POR QUE FAZER?	QUEM VAI FAZER?	QUANDO FAZER?	ONDE?	COMO FAZER?	QUANTO CUSTA?	QUAL INDICADOR?
Definir e mapear as experiências exitosas no controle vetorial voltadas para crianças e adolescentes (evidências locais e internacionais)	Para identificar as experiências exitosas, com intuito de elaborar um projeto de educação em saúde, com foco no controle do mosquito <i>Aedes Aegypti</i> .	Todos os integrantes do grupo.	Primeira quinzena do mês de setembro	Região Sul (Gama)*	Por meio de pesquisas bibliográficas e base de dados científicas.	Não se aplica	Avaliação do grupo com base nos documentos e experiências apresentadas.
Ação educativa para o controle vetorial do mosquito	Porque identificamos nessa região loteamentos irregulares e invasões em áreas de preservação permanente, falta de infraestrutura básica e saneamento ambiental, depósito irregular de resíduos sólidos, esgoto a céu aberto, configurando o cenário propício ao desenvolvimento de doenças infecto contagiosas transmitidas por vetores.	Todos os integrantes do grupo em parceria com o Projeto PSE e a Fiocruz.	Aplicabilidade de algumas ações depende dos parceiros*	Escola na Região Sul (a definir*)	Feria de ciências; teatro, oficinas sobre prevenção e controle do vetor; oficina de música; Estimular estudantes a criarem vídeos com o tema Controle Vetorial (combate ao mosquito); Incentivar o uso de aplicativos que estimulem a conscientização dos alunos por meio de jogos (Ex: App Agente Aedes, já disponível nas plataformas)	Estimar custos para elaboração das oficinas	A adesão da comunidade e parceiros para que ação seja durável (Cabe aplicação de questionário? Como mensurar o impacto e a continuidade destas ações na comunidade?)
Reuniões presenciais do grupo afinidade com possíveis atores/parceiros	Para buscar melhores estratégias que possam viabilizar a execução das ações.	Todos os integrantes do grupo.	setembro/outubro	Fiocruz	Por meio de convites formais e informais	Não se aplica	Mensurar pelo nível de ações que serão pactuadas a partir destas reuniões